

DEPOIS DO IMPASSE

OBRAS TÊM NOVO RUMO

22/5/86

• Projecto entrou na etapa mais difícil

As obras de reabilitação da Estrada Nacional n.º 1, decorrem neste momento na etapa mais difícil do Projecto. Segundo Manuel Martins de Andrade, encarregado-geral das obras, alterações surgidas à última hora, estão na origem do andamento moroso até aqui registado. Recorde-se que estão dentro do referido projecto, obras de beneficiação naquela via, numa extensão de cerca de oito quilómetros, partindo da Brigada Montada, até ao cruzamento de Mahlazine.

Iniciadas em Dezembro do ano passado, as obras visam fundamentalmente dotar aquela via de uma maior segurança e maleabilidade do tráfego. O projecto, que está a cargo da Empresa de Construção Tâmega, pertence ao Departamento de Estradas e Pontes e o acordo de execução foi assinado entre o Ministério da Construção e Águas e a Tâmega.

A estrada vai beneficiar de um alargamento médio, calculado em cerca de dois metros, ao longo de aproximadamente seis quilómetros. De acordo com Manuel Martins de Andrade,

as obras adjacentes, que surgiram depois de alterações ao programa previamente estabelecido, têm retardado o bom andamento do projecto.

— Não estava estabelecido no programa, por exemplo, a construção de pavimentos e passeios ao largo da Estrada Nacional n.º 1, nem a construção de um parque em frente ao Cemitério de Lhanguenne. Estas alterações contribuíram bastante para que se generalizasse uma ideia de retrocesso, sobretudo pelos utentes da via — diz-nos Martins de Andrade, que prossegue: — O derrube de ár-

vores atrasou-nos bastante e isso criou um outro tipo de problemas, quando teve que intervir a Empresa de Águas de Maputo, devido ao rompimento dos tubos de água.

De acordo com ele, a primeira etapa do programa, ainda em execução, preconiza o alargamento da via, da distância que vai da Brigada Montada ao Cemitério, num acréscimo de cerca de 14 metros. Do Cemitério até à COTOP, a avenida passará a ter uma largura de 14 metros. Dali em diante, até ao cruzamento de Mahlazine, o alargamento será de dois metros.

— Esta primeira etapa é bastante difícil, dado que algumas condições nos são adversas. Mas depois, as obras terão um andamento mais veloz. Felizmente até aqui, não temos tido problemas de apoio logístico.

Estão envolvidos nos trabalhos, 54 trabalhadores, entre operadores, pedreiros, serventes, motoristas, topógrafos, apontadores, guardas e encarregados, que obedecem a um horário de nove horas diárias.

— Prevemos que até à altura da comemoração do 11.º aniversário da Independência Nacional, os trabalhos desta primeira etapa estejam concluídos. Pretendemos cobrir a estrada com um «tapete» de asfalto. Depois de concluída a obra, esta avenida ficará como a «25 de Setembro» — explica-nos Martins de Andrade.

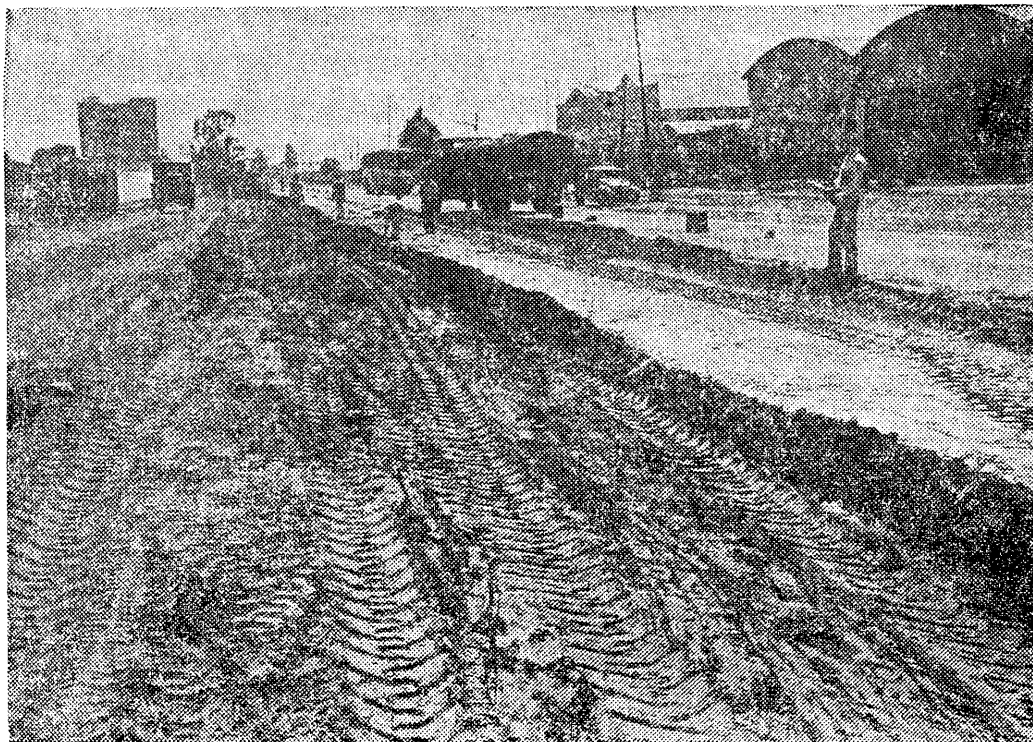
Enquanto as obras decorrem, os veículos que por ali circulam vão sendo sujeitos a verdadeiras gincastras. Obrigado a rodar por locais impróprios, atentando inclusivamente contra a própria conservação do carro, o automobilista vai «esburacando» as vias normalmente transitáveis e o prejuízo virá depois, quando o carro se imobilizar por causa deste e aquele acessório que tem de substituir.

Sobre este assunto, o Eng.º Rui Cunha, director da Empresa Tâmega, esclarece: Temos feito melhorias regulares em algumas vias adjacentes, que são utilizadas pelos automobilistas. Aliás, o Conselho Executivo também tem dado o seu contributo, mas o que acontece é que depois de cobertos os buracos com areia, tudo volta à mesma passada um certo tempo.

Outra face da mesma moeda é o desrespeito de alguns automobilistas aos sinais de trânsito previamente colocados em locais estratégicos.

O Eng.º Rui Cunha afirma a este propósito: É importante a colaboração dos utentes da via. Nesta altura, gostaria de fazer um apelo, não só aos automobilistas, mas também aos transeuntes, que aos domingos, frequentam o Cemitério, no sentido de respeitarem ao máximo o trabalho que está a ser feito.

Pensamos que o mais importante de tudo isto é a criação de condições mínimas que assegurem a circulação de veículos por aquela via. Essa condição passa fundamentalmente por alguma estrutura e é a ela que nos dirigimos. Porque senão, quem pára com o desgaste e a inutilização dos nossos automóveis?



A foto acima foi colhida há alguns meses na Estrada Nacional n.º 1